



João Costa Ferreira
pianista
mail@joacostaferreira.com

Edições AvA, um oásis num deserto



Mesmo em frente ao Conservatório Nacional de Lisboa, na rua Nova do Loureiro, encontra-se uma loja de música onde ainda se podem comprar partituras: a loja da editora musical portuguesa AvA Musical Editions. Esta afirmação poderia ser uma banalidade, mas não é. Para quem não está a par da realidade das editoras de música em Portugal, relato aqui uma breve história ilustrativa das principais forças que se têm oposto ao desenvolvimento do mercado e à rentabilização do negócio das editoras.

Há cerca de doze anos, quando ainda era estudante da Escola de Música do Orfeão de Leiria, dirigi-me a uma loja de música então existente naquela cidade na procura da partitura de uma obra para piano cujo título não me recordo. Não conseguirei citar com exatidão as palavras que o empregado proferiu para responder à minha solicitação, mas no essencial a sua resposta foi esta: “Partituras!? Isso já não se vende em lojas de música convencionais. Hoje em dia, os jovens obtém isso tudo gratuitamente através da Internet mesmo que isso seja ilegal ou então tiram fotocópias, o que também é ilegal. Se existir em Portugal alguma loja que ainda venda partituras, só mesmo em Lisboa. Talvez as encontre naquela que se encontra em frente à Fundação Calouste Gulbenkian”. O empregado referia-se à loja de música Valentim de Carvalho que, de facto, ainda vendia partituras mas que viria, pouco tempo mais tarde, a fechar as portas. Há cerca de doze anos já era assim. Imagine-se agora!

Voltemos à AvA Musical Editions. Fundada no ano de 2007, a AvA Musical Editions surgiu graças à vontade de transformar significativamente o contexto musical no que toca a promoção e a divulgação da música portuguesa sobretudo através da edição e publicação do

repertório português, graças à coragem de enfrentar as extremas dificuldades que um desafio dessa dimensão impõe, graças ao empenho muito próprio de músicos que dedicam ou dedicaram as suas vidas ao aperfeiçoamento constante e disciplinado do seu ofício. Na base destas três forças residem três nomes que merecem o meu maior respeito: Nuno Fernandes, José Lourenço e Rui Pinheiro. A ideia de criar a AvA surgiu-lhes “quando houve a proposta de uma editora internacional em publicar uma obra do maestro António Victorino d’Almeida, em que apresentou condições muito desfavoráveis e apenas com o objetivo de obter lucro rapidamente” (in Xpressingmusic, 1 de Julho de 2014). Pode assim dizer-se que a AvA resulta de um movimento patriótico de defesa do património musical português e que ela veio, sem dúvida, preencher uma lacuna que até então vinha denegando esse património.

Perante estes factos que tanto valorizam e dignificam a música portuguesa, é difícil acreditar que organismos públicos criados expressamente para apoiar iniciativas como esta consigam encontrar justificações para não as subsidiarem. Infelizmente, é isso que tem acontecido com mais frequência. Mas eu pergunto: o que seria de uma parte importante do património arquitetónico português se, por exemplo, a conservação e o restauro de monumentos históricos não fosse apoiado? O que seria de uma parte importante do património pictórico português se, por exemplo, a conservação e o restauro de obras de arte de pintores do renascimento não fosse apoiado? O que será de uma parte importante do património musical português se os manuscritos dos compositores permanecerem eternamente esquecidos nas gavetas poeirentas das bibliotecas, se a sua edição e publicação não forem apoiadas? **L■**